

Paulo Renato Guérios, *A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião*. Curitiba, Editora UFPR, 2012. 278 pp.

Veridiana Domingos Cordeiro
Mestranda em sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH).

O tema da memória rodeou Paulo Renato Guérios desde seu mestrado, quando estudou a trajetória social de Heitor Villa-Lobos. Ali, o pesquisador deparou-se com as lembranças do compositor e a maneira como elas se dispunham no relato. O livro *A imigração ucraniana ao Paraná: memória identidade e religião* é fruto de sua tese de doutorado em antropologia social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que foi inspirada por motivações pessoais ligadas à sua descendência ucraniana e por motivações intelectuais que surgiram ao longo do mestrado. Guérios optou, então, por se debruçar sobre o tema da imigração de rutenos¹, majoritariamente analfabetos, que chegaram ao Brasil no fim do século XIX.

A escassez de estudos acerca das comunidades ucranianas, sobretudo aquelas que colonizaram parte do Paraná, colocou diante do autor um objeto de pesquisa com diversos aspectos a serem explorados. Assim, na tentativa de recobrir os aspectos do objeto que lhe interessavam, utilizando-se de instrumentos metodológicos distintos, Guérios dividiu a análise em três partes: a primeira dedica-se a compreender as condições sociais da produção das lembranças de imigrantes rutenos recém-chegados ao Brasil a partir de relatos e entrevistas escritos na época da imigração; a segunda reconstrói os primeiros anos das colônias rutenas no Paraná e os mecanismos empreendidos para a manutenção dos rutenos como um grupo social; por fim, a terceira parte apresenta, com base em um comparativo de dados atuais, a situação da colônia de Prudentópolis², na qual o autor realizou seu trabalho de campo.

Embora todo o trabalho seja fortemente marcado por um rico material empírico, Guérios desenvolve na primeira parte uma interessante discussão a respeito da obra *Les cadres sociaux de la memoire*, do sociólogo Maurice Halbwachs, introdutor do tema da memória na sociologia na década de 1920. É a partir dessa discussão teórica que Guérios adentra o tema da memória, buscando compreender em que medida as lembranças são organizadas e estruturadas por quadros socialmente construídos. Apesar de o texto não se aprofundar em reconstruções e questionamentos teóricos acerca da teoria da memória coletiva, proposta pelo sociólogo francês – aceitando, assim, grande parte da interpretação do comentador Gerad Namer –, há um enfoque maior quanto ao conceito de *quadros sociais da memória*³, posteriormente retomado na análise empírica. Uma vez que a memória, como faculdade humana, não é passível de observação, o autor parte para seu extenso material empírico na tentativa de demonstrar como o processo de rememoração, embora operado pela cognição individual, é fortemente condicionado por forças sociais que se impõem desde fora, de acordo com o grupo ao qual o indivíduo pertence. A demonstração, apesar de ser uma tentativa inovadora na bibliografia nacional, fica limitada pelas dificuldades que seu material empírico lhe impõe. Isso porque os documentos revelam características limitadoras, que deveriam ser problematizadas com mais atenção pelo autor: além de terem naturezas distintas por trazerem diferentes formas de enunciação (relatos autobiográficos e entrevistas publicadas em jornais), são documentos relativos a uma pequena parcela da população migrante, ou seja, a população letrada. As condições de produção desses relatos também seriam uma característica limitadora da análise, que deveria ser problematizada, embora não tenha passado sem a atenção do autor: “a intenção documental ou reflexiva [é] visivelmente escrita em um registro ficcional” (p. 85).

Como ainda há indefinições no interior da obra de Halbwachs e como não há instrumentos metodológicos precisos para análise de lembranças, Guérios

desenvolve essa tarefa de maneira mais livre, demonstrando com evidências empíricas as convergências e as divergências entre as lembranças. Baseando-se nas divergências, o autor sustenta que a memória coletiva nem sempre é um conjunto homogêneo de lembranças de membros de um determinado grupo⁴. Ele observa que, embora haja uma permanência, nos relatos, de vários *quadros sociais da memória*, como marcos espaços-temporais, há uma variação quanto ao conteúdo, sobretudo quando há uma carga emocional vinculada. Isso ocorre porque as preocupações do indivíduo direcionam sua percepção a certos aspectos da realidade, que é percebida por meio de perspectivas distintas, de acordo com as diversas cargas emocionais envolvidas e com o posicionamento do indivíduo na configuração social. “Cada pessoa lançava um olhar específico sobre os eventos que a rodeavam” (p. 50), conclui o autor. E não é apenas no momento originário da lembrança que se encontram os fatores de divergência, mas também as preocupações presentes que divergem são responsáveis por orientar a reconstrução dessas lembranças: “O passar do tempo implica, então, a geração de uma série de inflexões nas lembranças do passado, seja pela mudança dos modos de perceber o mundo, seja pelo apagamento de certos traços ou pela ênfase a outros devido a elementos da situação presente, seja pelo contato com versões diferentes acerca de um dado evento” (p. 62).

A convergência dos relatos se estabelece pela consonância entre as diversas correntes de pensamentos compartilhadas pelos indivíduos. É partir da análise de conteúdos linguísticos que Guérios percebe que há um “esquema de percepção pré-codificado para a compreensão do mundo difundido entre os atores pertencentes a um dado grupo social” (p. 65), responsável para que conteúdos mnemônicos converjam não apenas quanto à forma, mas também quanto ao conteúdo. Demonstradas as divergências e convergências, é válido destacar que uma das contribuições mais interessantes de Guérios é afirmar que datas e eventos religiosos funcionam tanto como

forma, isto é, *quadros sociais da memória* que ajudam a localizar lembranças, quanto ao conteúdo destas. Outra conclusão importante é a de que havia uma forte semelhança entre a memória oficial e a memória dos especialistas letrados. Guérios afirma que a memória desse grupo letrado, o qual exteriorizou suas lembranças e as objetivou em relatos escritos, é aquela que se impôs como a memória oficial do grupo de imigrantes como um todo. Outro resultado encontrado foi a forte presença da Igreja Católica na organização social dos imigrantes e na orientação de sua conduta, sendo essencial para a formação desse grupo de imigrantes que nasceu em solo brasileiro e teve suas memórias diretamente influenciadas por essa configuração social.

Na segunda parte do trabalho, a descrição histórica das condições da chegada dos imigrantes rutenos dá o pano de fundo para que se compreendam os conflitos entre a formação de um grupo social coeso em terras desconhecidas e as pressões governamentais. Cotejando uma descrição detalhada das políticas e dos registros imigratórios com os relatos de imigrantes, o texto descreve como ocorreram os processos de estabelecimento desse grupo em solo brasileiro. As análises documentais e de relatos apontam para conclusões semelhantes àquelas aferidas quanto às lembranças dos rutenos. Embora com um passado e referências comuns, os imigrantes adotaram condutas e hábitos distintos diante dos desafios impostos na sua chegada: “cada migrante ruteno encontraria seu próprio modo de solucionar os dilemas vividos nos primeiros tempos de suas vidas nas colônias a partir de seu repertório compartilhado de atitudes, valores e categorias de percepção” (p. 118).

A mudança de país implicou uma ruptura com todos esses elementos identitários anteriores, sendo necessária a reconstrução de uma nova organização social e de novos referenciais. Diferentemente do que acontecia na Ucrânia, “no Paraná as possibilidades de contato entre colonos eram menores. Eles viviam distantes entre si, não havia reuniões e organizações,

não havia a presença de senhores e a presença do Estado era pequena” (p. 128). Essa questão do pertencimento a um grupo, que surge com a percepção de que a Igreja seria o vetor agregador, traz o tema da identidade para dentro do texto de Guérios. É via identidade que o autor dá um tom antropológico à sua discussão, apresentando as principais correntes teóricas antropológicas acerca do tema. Assim, mesmo tendo um arcabouço teórico que se debruça sobre os temas da memória e da identidade, Guérios prossegue a análise empírica sem utilizar esses termos como ferramentas analíticas.

O material empírico demonstra que mesmo elementos já identificados na análise das lembranças, como os fortemente estruturadores (por exemplo, o calendário religioso), também haviam sido afetados na mudança. Mas é a própria religião que se torna a grande instituição capaz de fornecer *quadros sociais da memória*, elementos identitários e coesão ao grupo em formação. Mais do que isso, a religião é, para esses ucranianos, um regulador de conduta da vida social. O autor demonstra como os ritos, as lógicas e as atitudes religiosas movimentavam e geravam adesão ao grupo, sendo indispensável a presença de padres recém-chegados da Ucrânia. Esses indivíduos desenvolviam um papel central na vida local: “a religião foi para os camponeses rutenos ucranianos muito mais do que parte de uma consciência nacional ou que um critério demarcador de nacionalidade: a religião era mais importante do que a nação para os membros desse grupo” (p. 198).

A terceira parte talvez seja a de maior teor antropológico, sobretudo pela forte etnografia presente, pelas entrevistas com imigrantes locais e pela análise de fotografias tomadas por Guérios em seu trabalho de campo nas comunidades rutenas no Paraná, sobretudo na cidade de Prudentópolis. Nessa última parte, diferentemente das anteriores, não há presença de um arcabouço teórico que oriente a análise do autor. Dessa forma, Guérios opta por se centrar no objeto empírico, mesclando a análise de entrevistas,

fotografias e caderno de campo. Cenas ligadas a ritos religiosos, vivenciadas durante seu trabalho de campo, tornam evidente que a Igreja – conforme a análise documental já apontara – continua atuando como o grande elemento responsável pela identidade, estruturação da memória coletiva e coesão do grupo: “os padres continuam atuando como agentes de regulação moral frente aos colonos que era o primeiro papel que tiveram quando chegaram” (p. 245).

A magnitude do objeto empírico a ser analisado claramente impõe desafios que tentam ser contornados pelo autor. A opção por uma combinação de instrumentos metodológicos lhe proporciona uma abertura de análise que, embora rica, às vezes deixa o trabalho sem um fio condutor forte. Assim, a estratégia de tripartição do texto, apesar de parecer uma boa estratégia analítica a princípio, torna-se um elemento fragmentador do argumento central quando analisamos a dissertação com mais cuidado. Isso é reforçado pelo fato de que também não há um arcabouço teórico que oriente a análise como um todo, embora a teoria sociológica da memória esteja mais presente na primeira parte do trabalho.

No entanto, a pesquisa é muito relevante pelo ineditismo de sua temática, ainda muito pouco explorada nas ciências sociais: a identidade e a memória de imigrantes ucranianos. Nesse sentido, o trabalho de campo e a análise documental esmiuçada da imigração são contribuições importantes, sobretudo do ponto de vista etnográfico. Essa análise etnográfica e documental precisaria, contudo, de mediações e pontes mais cuidadosas quando juxtaposta aos escritos teóricos de Halbwachs e com as teorias de identidade apresentadas.

Notas

1. Os rutenos são um povo descendente de eslavos que não foi completa e formalmente incorporado à Ucrânia, habitando, assim, majoritariamente a região da Galícia, da Lituânia e da Hungria.

2. Prudentópolis é uma pequena cidade localizada no centro-sul do estado do Paraná.

3. *Quadro social da memória* é um dos principais conceitos desenvolvidos por Maurice Halbwachs em sua “sociologia da memória”. Eles seriam instrumentos objetivamente construídos por um determinado grupo que auxiliariam o indivíduo a localizar e reconstruir suas próprias lembranças, sem que se perdessem de vista e estivessem em em desacordo com as necessidades presentes.

4. Essa conclusão se deve ao fato de que Guérios assume a interpretação do comentador Gerard Namer acerca da noção de que memória coletiva seria um conjunto homogêneo de lembranças. Esta, contudo, é apenas uma das interpretações possíveis, já que memória coletiva é um termo usado por Halbwachs para indicar fenômenos distintos.

Referências Bibliográficas

HALBWACHS, Maurice. (1925), *Les cadres sociaux de la memoire*. Paris, Félix Alcan. Disponível em <http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwa-chs_maurice/cadres_soc_memoire/cadres_soc_memoire.html>, consultado em 24/1/2013.